

Fabio Mario da Silva<sup>1</sup>  
Paulo Geovane e Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Muitas são as relações identificáveis entre as literaturas portuguesa e angolana, nomeadamente no plano da intertextualidade e das interferências entre tais sistemas literários. Nesse sentido, o presente estudo busca analisar, por um lado, as relações de proximidade entre a Florbela Espanca, portuguesa, e a angolana Alda Lara, e, por outro, as especificidades literárias de cada uma dessas escritoras relativamente à noção de ser poeta. Para o eficaz desenvolvimento desta análise, buscou-se um método analítico-comparativo, a fim de perceber em que medida as escritoras se aproximam ou não diante do tema metalinguístico da existência do poeta. Tal relação está profundamente construída no plano da intertextualidade entre as autoras, uma vez, como foi possível demonstrar, Lara leu e, em sua obra, fez transfigurar os versos florbelianos.

**Palavras-chave:** Florbela Espanca; Alda Lara; Intertextualidade; Poeta.

### ABSTRACT

This paper analyse the relations between Portuguese and Angolan literatures. We observe the intertextuality and the interferences between such literary systems. This present study will be show the proximity between Florbela Espanca, Portuguese writer, and Angolan writer Alda Lara, looking for the literary specificities of each of these writers regarding the notion of “To be poet”. For the effective, the analytical-comparative method was sought in order to understand the extent to which women writers approach the metalinguistic theme of the poet's existence. Such a relationship is deeply built on the plane of intertextuality between the authors, once, as it was possible to demonstrate, Lara read and, in her work, transfigured the Florbelian verses.

**Keywords:** Florbela Espanca; Alda Lara; intertextuality; poet.

<sup>1</sup> Fabio Mario da Silva é Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Pós-doutor pela Universidade de São Paulo. Doutor em Literatura e mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora.

<sup>2</sup> Doutorando em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra (Portugal) e professor do curso de Letras da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte (FACISABH). Email: paulogeovanesilva@gmail.com.

O conceito de poesia, a função do poeta ao escrever versos, bem como os modelos e formas versificatórias foram se alterando com o passar dos séculos, por isso conceituar o lexema “poesia” é algo tão complexo quanto redundante, visto que podemos encontrar, para cada contexto cultural, em cada século, uma variação considerável na compreensão, validação e interpretação da construção poética. Além disso, a construção desse histórico epistemológico não está nos objetivos deste estudo. A nossa proposta é analisar as relações intertextuais relativas à concepção do poeta e do fazer poético nas poesias de Alda Lara (1930-1962) e de Florbela Espanca (1894-1930), tomando a intertextualidade como aquilo a que Leyla Perrone-Moisés designa como um tipo de dialogismo, isto é, um discurso bivocal ou multivocal que “estabelece múltiplos contatos no interior do mesmo discurso ou com outros discursos” (2005, p. 65). O interessante é perceber como Alda Lara dialoga com Florbela ao reinterpretar um dos seus poemas mais conhecidos, o “Ser Poeta”, apossando-se da sua estrutura lexical, por uma mais que evidente herança lusófona, mas afastando-se da poetisa portuguesa na aceção e distinção desse autointitular-se um poeta.

Começamos por observar que há, por exemplo, na obra de Florbela, várias passagens em que o “eu” lírico fala ou se assume como poeta. No Livro de Mágoas, o “eu” se assume como poeta no soneto “Tortura”: “sonhar um verso de alto pensamento”; e nos sonetos “Languidez”, “A um livro” e “Impossível” há referências a António Nobre: “Tardes de Portugal, as tarde d’Anto”, “Poeta igual a mim, ai quem me dera/ Dizer o que tu dizes!... Quem soubera”, “Os males de Anto toda a gente os sabe!” Em Soror Saudade, o vocábulo “Poeta” aparece em “Horas rubras” e “Princesa Desalento”: “E sou, talvez, [...] / Ó meu Poeta, o beijo que procuras!”, “Minh’alma é a Princesa Desalento, / Como um Poeta lhe chamou, um dia.”; como também nos sonetos “Sombra”: “Versos tristes em sonhos de Poetas” e “Exaltação”: “Trago na boca o coração dos cravos! / Boémios, vagabundos, e poetas”. Em Charneca em Flor, o “eu” lírico se assume como um “poeta” nos sonetos “Mocidade”: “Chamas subindo

ao alto nos meus versos;”; “Crucificada”: “– Hei de compor, (...)/ Lindos versos de dor só para elas.”; e “Nervos de ouro”: “Toda a Arte suprema dos meus versos”. O interessante é perceber que, mesmo mudando o sentido do que seria um “poeta”, há algo na poesia florbeliana que norteia o seu discurso, como podemos observar no seguinte quadro expositivo:

#### O SER POETA FLORBELIANO

TÍTULOS DOS POEMAS/SONETOS E DATA EM QUE FORAM ESCRITOS	SIGNIFICANTE	SIGNIFICADO	O QUE LEVA A VOZ LÍRICA A COMPREENDER O QUE É SER POETA
I- A Anto! (1914)	Poeta	Afago, regozijo.	A imagem do Poeta António Nobre. Imagem construída através da dor e da tristeza. A estranheza dos versos poderia causar angústias ao “eu” lírico, mas foi superada pelo amor que sente ao Poeta.
II- Poetas (1918)	Poeta(s)	Dor, solidão. Não se acha Poeta, dúvida da sua capacidade.	Amarguras, isto é, angústia.
III- A maior tortura (1919)	Poeta	Dor, tortura.	Conseguir reunir no verso a dor que carrega. Como não consegue, isso leva-o à angústia.
IV- Vaidade (1929)	Poeta (Poetisa)	A poetisa seria alguém além do seu tempo. Sonha que é poetisa mas percebe que não o é.	A angústia de enfrentar a realidade.
V- Torre de Névoa (1929)	Poeta	Ser poeta é ter desilusões.	A desilusão que gerou a angústia.
VI- Ser poeta (1930)	Poeta	Transcende o senso comum. O amor permitiu-lhe ser poeta.	O amor, que leva o “eu” lírico a transcender o senso comum evita a angústia.

**Fonte:** Fabio Mario da Silva, Da Metacrítica à Psicanálise: a angústia do “eu” lírico na poesia de Florbela Espanca (2009,p.60)

Comprendemos, a partir do quadro, que o significante “poeta” mudou na escrita de Florbela, apesar do valor norteador intrínseco a esses poemas: a angústia<sup>3</sup>. Já nos versos de Alda Lara, o lexema “poesia”, ou aquilo que a ele se refere, comparece em menor número relativamente à obra de Florbela. Em “Poemas que eu escrevi na areia”, encontramos referências a que o ato poético é inspirado pelo mar; já em “Testamento”, de Alda Lara, por seu turno, o “eu” lírico doa seus brincos lavrados às prostitutas, o seu vestido à virgem esquecida, o seu rosário a um amigo incrédulo e o seus poemas loucos devem ficar de herança ao seu Amor,

Para que, na paz da hora,  
em que a minha alma venha  
beijar de longe os teus olhos,

vás por essa noite fora...  
com passos feitos de lua,  
oferecê-los às crianças  
que encontras em cada rua... (p. 28)<sup>4</sup>

Nestes versos fica evidente a função dos seus poemas: acalmar o seu amado, aquele que herdará o seu maior bem, seus versos de amor que germinarão e dialogarão com a infância, visto ser tão puros quanto essa fase da vida, de uma poesia nítida que, à luz da lua, será ecoada, noite adentro, de forma gratuita, através das mãos desse amor que o “eu” lírico beija a distância. Em “Para ti”, destinado a um amigo poeta, encontramos mais uma noção da função do poeta e da poesia:

<sup>3</sup> Para uma análise mais aprofundada sobre a angústia na poesia de Florbela, consultar o trabalho de nossa lavra, *Da metacrítica à psicanálise: a angústia do “eu” lírico na poesia de Florbela Espanca*, dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Évora em 2008, na qual chegamos a essa conclusão após uma análise exaustiva do significado *poeta* na lírica de Florbela Espanca.

<sup>4</sup> Utilizamos, para este estudo, unicamente a edição angolana: Alda Lara. **Poemas**. 3. ed. Lobito: Capricórnio, 1973. Por isso, indicaremos, no decorrer do texto, apenas o título e a página em que se encontra o poema citado.

Chamam-te poeta,  
e sonhador,  
e idealista,  
(que eu ouvi...)  
mas acreditam em ti. (p. 98)

A associação direta com o devaneio ou a utopia que caracteriza esse amigo poeta é contrastada pelo uso da adversativa “mas”, que representa um verdadeiro oxímoro. Ou seja, mesmo sabendo do caráter ficcional, fingidor ou enganador do poeta, os mesmos indivíduos que o apelidam de sonhador acreditam na veracidade das suas palavras. Em consonância com sua poesia, o poema “Baila-baila” revela que seus versos são “perdidos” e “achados”:

Vãos uns, vêm outros...  
e esses se vão  
de novo, enganados

[...]

(Meu Deus, fui sincera?  
Se o não fui, quisera!) (p. 124)

Se o poeta é um fingidor ou não, se os seus versos estão perdidos dentro de suas próprias desilusões ou dúvidas poéticas, são questões para as quais não se apresenta nenhuma conclusão, visto que o sujeito poético vai tecendo os bailados “do rumo-sem fim” com uma única finalidade: “levando-os... trazendo-os.../ em busca de Mim!...” (p.125). O ato poético, nesse caso, é a descoberta da própria identidade do “eu” lírico, que só se tece com esse cantar. Aliás, para Alda Lara, estrutura poética tem um compromisso com a musicalidade e a transformação do sujeito, com o meio que o cerca: “Doei meus lábios vermelhos/ à criança substituída.../ Mais! Entreguei os

meus versos/ aos violinos da Vida...” (p.104). A enunciação lírica, musical por natureza, está entregue ao ritmo da vida, metaforizado na impactante imagem do violino. Ao mesmo tempo, a criança substituída a qual, por convenção, precisará de lábios vermelhos que lhe criem algum charme erótico, está de alguma forma integrada ao “eu” lírico, que, doando os próprios lábios, integra-se e compromete a própria vida com o meio em que se encontra. Tanto o poema quanto a poiesis são, no texto, elementos de doação, o que parece conduzir-nos para mais um conceito de poesia: percepção de mundo que, “doada”, produz o relacional dos sujeitos sociais e a dialética da formação cultural desses mesmos sujeitos.

Contudo, há um poema de Alda Lara, que certamente leu Florbela, em que encontramos uma alusão à estrutura dos versos florbelianos. Lembremo-nos que Alda Lara se mudou ainda muito nova de Benguela para Lisboa e logo depois para Coimbra, a fim de cursar medicina, visto pertencer a uma alta burguesia comercial que podia dispor de recursos para enviar seus filhos à Europa, e isso fez com que ela entrasse em contato mais afinadamente com a literatura portuguesa. Alda Lara chegou a Portugal com 17 anos, regressando a Angola somente muitos anos depois: segundo informações do seu diário, terá chegado a Cambambe em abril de 1961, poucos meses antes de ter morrido.<sup>5</sup> Outro fator importante a referir é que, apesar de sua obra ser analisada constantemente pelo viés da perspectiva africana, é notório o diálogo de sua poesia com escritores portugueses, desde laivos e influências do heterônimo pessoano Alberto Caeiro, até às arcaicas cantigas de amigo, dialogando com essas tradições literárias, mas fazendo valer uma estética e mundividência próprias. Vejamos, seguidamente, como Lara reinterpreta a figura do poeta, sob a égide da construção sintática florbeliana:

<sup>5</sup> Informações cedidas por uma das principais investigadoras na obra de Alda Lara, Ana Paula Bernardo.

<p>Ser poeta (Florbela Espanca)  Ser poeta é ser mais alto, é ser maior  Do que os homens! Morder como quem beija!  É ser mendigo e dar como quem seja  Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!</p> <p>É ter de mil desejos o esplendor  E não saber sequer que se deseja!  É ter cá dentro um astro que flameja,  É ter garras e asas de condor!</p> <p>É ter fome, é ter sede de Infinito!  Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...  É condensar o mundo num só grito!</p> <p>E é amar-te, assim perdidamente...  É seres alma, e sangue, e vida em mim  E dizê-lo cantando a toda a gente! (ESPANCA,  2013, p.98)</p> <p>Data provável: 1930</p>	<p>Apontamento (Alda Lara)  Ser Poeta...</p> <p>É ter sempre em cada mão  a esmola de uma ilusão...</p> <p>É crer que a Primavera há-de voltar,  mesmo que não volte para o nosso  olhar!...</p> <p>É ver estrelas em cada noite morta,  e felicidade em cada vida torta...</p> <p>É caminhar sobre espinhos, a sorrir,  vaiado p'la descrença, sem ouvir...</p> <p>É ser soldado sem bandeira  de uma luta traiçoeira...</p> <p>É crer ao fim do DIA concluído,  que nada foi perdido....(p.115-116)</p> <p>1949 - Março</p>
--	---

No poema “Ser poeta”, soneto de versos decassílabos, é importante notar a anáfora do verbo copulativo “ser” (“é... é ... é...”), repetido onze vezes no soneto, o que move o período para adiante e clareia a exploração semântica do sujeito comum (poeta), fazendo com que a repetição pressione o leitor a conhecer o signo que não volta (“Ser poeta é ser mais alto”), bem como as diferenças, as partes móveis, a surpresa e, por fim, a profunda vertente subjetiva e existencialista a qual, desde os primórdios, assenta-se na expressão e até mesmo na compreensão teórica do texto lírico, cujo discurso, num sentido inverso ao épico, trata exatamente da presença e da

existência, isto é, do ser-no-mundo (cf. HEIDEGGER, 2006, p.438)<sup>6</sup>. No poema de Lara, a repetição da mesma flexão verbal acontece em menor escala (apenas seis vezes), mas ocorre no início do verso, tal como no poema de Florbela. Essa utilização é precisa para afirmar e reafirmar sua convicção diante da constatação do ato poético, na tentativa de convencer o seu leitor da veracidade dos fatos. Semanticamente falando, os versos de ambas as poetisas deixam clara a certeza de que ser poeta é ter um “olhar” diferenciado para contemplar a vida, crer na mudança futura. Diz Florbela: “É ter de mil desejos o esplendor”; já Alda, numa perspectiva mais cíclica: “É crer que a Primavera há-de voltar,”.

Observamos ainda no poema “Apontamento”, de Alda Lara, o uso excessivo das reticências, que aparecem no título e reaparecem seis vezes ao final de cada estrofe. Levando o seu leitor a subentender o que seria enunciado, essa pontuação suspende o pensamento, como quem estivesse pensando – e, a seguir, refletindo sobre o que se pensou –, para iniciar com uma afirmativa subsequente à próxima estrofe. É um recurso fônico para dar suavidade à sua definição de poeta, o que difere do soneto florbeliano que, por sua vez, usa excessivamente o ponto de exclamação (oito vezes), a maioria em final de alguns versos, visto que Florbela quer enfatizar e intensificar a expressão sentimental do eu lírico. Isto porque, para Florbela, o poeta, por ter uma especial percepção da própria subjetividade, compreende a grandiosidade da vida, e esse ato intenso está associado, pelo menos no caso desse soneto, à entrega a um beijo apaixonado, à alma quente a desejar o além – perceber-se repleta de mil desejos que não cabem em si: “É ter de mil desejos o esplendor” –, para, no último terceto, termos

<sup>6</sup> Abordando exatamente a questão da subjetividade por meio da relação entre tempo e existência, Heidegger afirma: “Somente partindo do enraizamento da presença na temporalidade é que se pode penetrar na possibilidade existencial do fenômeno, *ser-no-mundo*” (HEIDEGGER, 2006, p.438). O texto lírico, portanto, tem como peculiaridade a enunciação de uma outra ordem temporal: o tempo do/no interior do ser, isto é, a subjetividade que, através de um tempo distinto, fará emergir o ser, conceito que, neste caso, poderá identificar também o poeta, cuja figura do *ser* se faz contígua e dialeticamente ao discurso lírico.

a grande revelação de que ser poeta – além de desejar o infinito, estar além do senso comum, mendigar sem ser mendigo e ser insaciável, pois se tem mil desejos, mesmo sem saber o que sejam – é também uma das expressões máximas da poesia florbeliana, um amar outrem perdidamente:<sup>7</sup> “E é amar-te, assim perdidamente...” e anunciar esse amor, cantando, ou seja, declamando através de versos a imensidão desse sentimento: “É dizê-lo cantando a toda a gente!”

No caso de Alda Lara, a compreensão do ato para ser poeta se distancia de Florbela pela não referência ao amor ou à paixão exacerbada. Lara alude a essa compreensão além do senso comum de Florbela mas utiliza-se, na sua poética, das sinestésias como melhor maneira de se expressar: pelo tato se recebe na mão a esmola de uma ilusão; a visão enxerga estrelas, felicidades ou se assume metaforicamente como o próprio sujeito lírico, visto que se crê que a primavera (uma estação com vibrações vitais) vai voltar, mesmo que não seja para o seu olhar, ou seja, para sua própria vida; para, por fim, aludir à audição, como mecanismo para falar de caminhos espinhosos, das várias dificuldades na vida. Ser poeta é seguir numa luta, tal como um soldado, é uma labuta diária que procura superar sofrimentos e angústias e continuar acreditando ciclicamente na superação pela poesia, isto é, crer na possibilidade de que, ao final do dia, “nada foi perdido”. Assim, Lara se afasta de Florbela na concepção do ato laboral da construção poética, mesmo que à primeira vista se aproxime timidamente. Enquanto Florbela corporifica imagens fortes, materializadas por substantivos masculinos (poeta, alto, homens, mendigo, Rei, Reino, Aquém, Além, desejos, astro, condor, Infinito, elmo, oiro, cetim, mundo, grito), Alda Lara, por sua vez, vai na contramão ao recorrer mais vezes à utilização de substantivos femininos (mão, primavera, estrelas, felicidade, vida, noite, morta, esmola, ilusão, descrença, luta).

<sup>7</sup> Podemos observar aqui uma alusão clara ao soneto “Amar”, no qual se diz que “Eu quero amar, amar perdidamente”, publicado em *Charneca em Flor* (1931).

Em suma, essa intertextualidade entre as poetisas vem comprovar que, além do fato da representação africana, da mãe-África, encontramos na poesia de Alda Lara um diálogo com a literatura portuguesa. Alda Lara lê, reinterpreta poemas, utiliza-se de uma dicção próxima da que se faz presente no poema “Ser poeta” de Florbela, mas a reconstrói sob seu ponto de vista, recorrendo ao uso de sinestésias, que dominam sua obra e a afirmam na literatura angolana. Contudo, cremos que Alda Lara não tem uma preocupação poética explícita em seguir uma vertente africana (angolana) ou europeia (portuguesa), já que a sua poética é influenciada por ambas – o que é compreensível, visto ter vivido tantos anos em Portugal – e quer representar vários estados de si mesma e do próximo, revelar em outros versos uma condição social, reconhecer um fato, aprender, amar, representar uma vida. É uma poética de sentimentos universais, da comunhão e da esperança. Por fim, em Florbela, fica explícito que, para se ser um poeta, é preciso experimentar sentimentos intensos, como a paixão e a desmesura, prevalecendo em quase todos os outros versos em que se tenta construir a imagética do poeta a relação deste com a melancolia e a angústia, porquanto ele vive na sua “torre esguia, junto ao Céu”. Por fim, vale a pena notar o significado do lexema do título do poema de Lara, “Apontamento”, que significa, segundo os dicionários, caráter breve ou resumido, uma maneira de registrar alguma coisa que foi vista, ou lida, ou ouvida e que merece ser lembrada.<sup>8</sup> Ou seja, trata-se de uma breve exposição de suas ideias sobre o que é “Ser Poeta”, a partir da lembrança dos versos de Florbela, fato que está metalinguisticamente expresso no título, já que este, tal como o poema, também funciona como um apontamento de si mesmo, não descrevendo, mas sintetizando e destacando um fato inolvidável: o que é ser poeta.

<sup>8</sup> “apontamento”. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/DLPO/apontamento> [consultado em 02-10-2016].

## REFERÊNCIAS

ANÔNIMO, "apontamento". In **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha]. 2008-2013. <https://www.priberam.pt/DLPO/apontamento> [acesso em 02-10-2016].

BERNARDO, Ana Paula. Em torno da poética de Alda Lara. In: BERNARDO, Ana Paula. **Vozes de Cabo Verde e de Angola, quatro percursos literários**. Lisboa: CLEPUL, 2010, p. 165-213.

BORGES, Filho. Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

ESPANCA, Florbela. **Charneca em Flor**. Organização de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Editorial Estampa, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Editora Vozes, São Paulo: 2006.

LARA, Alda. **Poemas**. 3. ed. Lobito: Capricórnio, 1973.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**. 3. ed. Martins Fontes, São Paulo: 2005.

SILVA, Fabio Mario da. **Da metacrítica à psicanálise**: a angústia do “eu” lírico na poesia de Florbela Espanca. 2008. 148f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lusófonos) – Universidade de Évora, Évora, 2008. Disponível em: <[https://www.academia.edu/10354819/Da\\_metacr%C3%ADtica\\_%C3%A0\\_psican%C3%A1lise\\_a\\_ang%C3%B3stia\\_do\\_eu\\_l%C3%ADrico\\_na\\_poesia\\_de\\_Florbela\\_Espanca](https://www.academia.edu/10354819/Da_metacr%C3%ADtica_%C3%A0_psican%C3%A1lise_a_ang%C3%B3stia_do_eu_l%C3%ADrico_na_poesia_de_Florbela_Espanca)>. [Acesso em: 30 agosto de 2016].

## COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA. Fabio Mario da; SILVA, Paulo Geovane. Alda Lara e Florbela Espanca. Ser poeta é? **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, v. 20, jan./abr., p. 13-23, 2016.

**Recebido:** 05.11.2016 – **Aprovado:** 25.11.2016